



AGENDA DA SEMANA

INFORMATIVO SEMANAL DE ECONOMIA BANCÁRIA

Ata do Copom, RTI e bateria de indicadores, incluindo dados de crédito, movimentam a semana no Brasil

Os destaques da semana são os documentos do Banco Central, a Ata da última reunião do Copom e o Relatório Trimestral de Inflação (RTI), que podem dar algumas pistas sobre o tamanho total deste novo ciclo de alta dos juros.

Alguns pontos devem ser analisados com atenção, como a nova estimativa do hiato do produto (que passou a ser considerada positiva), além das projeções de inflação ao longo de 2026, que indicaria quando a inflação voltaria para a meta, considerando a atual trajetória dos juros esperada pelo Focus. Com isso, os agentes farão contas para estimar qual a alta dos juros necessária para levar a inflação para a meta (e em quanto tempo). A ata do Copom será divulgada na terça (24), enquanto o RTI (que terá entrevista do presidente Roberto Campos Neto) será conhecido na quinta (26).

Na agenda de indicadores, destaque para os números de agosto do mercado de crédito, que deve seguir apresentando um bom desempenho. Segundo a Pesquisa Especial de Crédito da Febraban, o saldo da carteira total deve crescer 1,1% em agosto, puxado pelo crédito direcionado, diante dos impulsos relacionados às medidas de auxílio ao RS e do Plano Safra 2024/25. Apesar do bom resultado no mês, o ritmo de expansão anual da carteira deve mostrar ligeira acomodação, de 10,3% para 10,1%, refletindo os menores desembolsos (em relação ao observado em 2023) do Plano Safra no início do programa neste ano. A expectativa, no entanto, é de ampliação das concessões nos próximos meses, que junto com o bom desempenho da atividade e do mercado de trabalho, devem sustentar o ritmo de crescimento do crédito em dois dígitos em 2024. Para mais detalhes da Pesquisa, acesse as [páginas 7 e 8](#). Os números oficiais serão divulgados pelo Banco Central na sexta (27).

O IBGE traz o resultado do IPCA-15, que deve mostrar algum repique da inflação na prévia de setembro. O índice será divulgado na terça (25) e deve mostrar alta de 0,28% (ante 0,19% em agosto). O indicador será pressionado pela adoção da bandeira tarifária vermelha nível 1 nas contas de energia elétrica e menor deflação dos alimentos (sendo que alguns itens já podem mostrar impacto das secas e queimadas). Com isso, o índice deve ficar relativamente estável no acumulado em 12 meses, em 4,28% (ante 4,35%), se mantendo próximo do teto da meta. Já a FGV divulga o resultado do IGP-M de setembro na sexta (27), que deve subir 0,50% no mês, acima do dado de agosto (0,29%), com aumento da pressão vinda dos alimentos (questões climáticas) no atacado. Em 12 meses, o índice deve acelerar de 4,26% para 4,40%.

Em relação ao mercado de trabalho, os números de agosto devem mostrar algum arrefecimento, mas nada que mude a percepção que o segmento está aquecido. Os dados do setor formal serão divulgados pelo Caged na quinta (26), com previsão de criação líquida de 240 mil postos de trabalho no mês, próximo ao observado em ago/23 (219,6 mil). Já o IBGE divulga a taxa de desemprego na sexta (27), que deve voltar a cair, para 6,7% (ante 6,8%), atingindo, assim, o menor patamar da série para o trimestre encerrado em agosto. Além do avanço da ocupação, os agentes estarão de olho na dinâmica dos rendimentos, que têm avançado em um ritmo forte, impondo preocupação quanto aos seus possíveis impactos inflacionários.

A semana ainda traz dados das contas públicas e entrevista sobre o novo relatório de receitas e despesas. O Tesouro deve divulgar o resultado primário do governo central na sexta (27), com expectativa do consenso de déficit primário de R\$ 23,0 bi em agosto, um pouco melhor do que o registrado em ago/23 (R\$ -27,9 bi), em função do elevado crescimento da arrecadação ([ver pg. 5](#)). Hoje, o governo deverá dar maiores explicações sobre o anúncio do novo bloqueio de R\$ 2,1 bilhões em despesas neste ano para cumprir o arcabouço fiscal, mas por outro lado, a liberação de R\$ 3,8 bi que estavam contingenciados.

A semana também traz dados do setor externo e de confiança. O BCB divulga o saldo da balança de transações correntes na quarta (25), que deve seguir mostrando um aumento do déficit externo, que deve passar de US\$ 1,0 bi em ago/23 para US\$ 5,1 bi neste ano, em função do menor saldo comercial (aumento das importações). Por fim, a FGV divulga ao longo da semana as sondagens de confiança referentes a setembro, que vem melhorando nos últimos meses, diante da expansão da economia.



AGENDA DA SEMANA

INFORMATIVO SEMANAL DE ECONOMIA BANCÁRIA

Na agenda internacional, a semana traz uma série de discursos de membros do Fed, após decisão de reduzir a taxa de juros em 0,5 pp, para o intervalo entre 4,75% a 5,0% aa, surpreendendo parte relevante do mercado. O presidente Jerome Powell, discursará na quinta (27), enquanto outros dirigentes da instituição falam ao longo da semana e podem trazer mais detalhes sobre como visualizam o ciclo de flexibilização monetária no país, especialmente quanto à possibilidade (ou em que condições) poderia haver a manutenção do ritmo dos cortes (em 0,5 pp) nas próximas reuniões.

Entre os indicadores, haverá a divulgação de dados de inflação e gastos pessoais nos EUA na sexta-feira (27). A expectativa para o índice PCE (deflator dos gastos pessoais) é de alta de 0,1% em agosto, desacelerando para 2,3% em 12 meses (ante +2,5%), refletindo a queda do preço do petróleo e dos combustíveis. Atenção para o núcleo do PCE, que pode ajudar a ditar o ritmo do ciclo de flexibilização monetária, cuja expectativa é de estabilidade em 2,6%. Com relação aos gastos pessoais, a expectativa é de alta de 0,3% no mês, em mais um sinal de acomodação do consumo das famílias (após alta de 0,5% em julho), ainda que longe de sugerir uma recessão. Ainda nos EUA, também serão divulgados ao longo da semana, as prévias de setembro do índice PMI (indústria e serviços), a leitura final do PIB do 2º trimestre, dados de renda pessoal, indicadores de confiança dos consumidores e do setor imobiliário.

Na Zona do Euro, foram divulgadas hoje (23) cedo, as prévias do índice PMI de setembro, que seguem apontando um quadro de fraco crescimento na região, especialmente no setor industrial. O índice da manufatura atingiu 44,8 pts (ante 45,8 pts), menor nível do ano. Já o setor de serviços recuou para 50,5 pts (ante 52,9 pts), passado o efeito positivo das Olimpíadas na região, mas ainda em nível expansionista (acima de 50 pts).

A próxima página traz a agenda completa de indicadores, com as datas de divulgação e projeções de mercado.



INDICADORES DA SEMANA

NACIONAL

Data	Indicadores Nacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
24-27/set	FGV: Sondagens de Confiança	Set/24	-	-
24/set	BCB: Ata da Reunião do Copom	-	-	-
25/set	IBGE: IPCA-15	Set/24	0,28% m/m 4,28% a/a	0,19% m/m 4,35% a/a
25/set	BCB: Estatísticas do Setor Externo	Ago/24	US\$ -5,1 bi	US\$ -5,2 bi
26/set	BCB: Relatório Trimestral de Inflação	3º tri/24	-	-
26/set	Reunião do CMN	Set/24	-	-
26/set	Caged: Geração de Vagas Formais de Trabalho	Ago/24	240,0 mil	188,0 mil
27/set	PNAD: Taxa de Desemprego	Ago/24	6,7%	6,8%
27/set	BCB: Estatísticas de Crédito	Ago/24	1,1% m/m* 10,1% a/a*	0,2% m/m 10,3% a/a
27/set	FGV: IGP-M	Set/24	0,50% m/m 4,40% a/a	0,29% m/m 4,26% a/a
27/set	Tesouro: Resultado do Governo Central	Ago/24	R\$ -23,0 bi	R\$ -9,3 bi

Fonte: Bloomberg. *Pesquisa Especial de Crédito da Febraban

INTERNACIONAL

Data	País ou Região	Indicadores Internacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
23/set	Zona do Euro	PMI Manufatura e Serviços	Set/24 – prévia	45,7 pts / 52,3 pts	45,8 pts / 52,9 pts
23/set	EUA	PMI Manufatura e Serviços	Set/24 – prévia	48,6 pts / 55,3 pts	47,9 pts / 55,7 pts
24/set	EUA	Confiança do Consumidor (<i>Conf. Board</i>)	Set/24	103,0 pts	103,3 pts
25/set	EUA	Venda de casas novas	Ago/24	-6,0% m/m	10,6% m/m
26/set	EUA	PIB	2º tri/24 – final	2,9% t/t (atualizado)	1,4% t/t (atualizado)
26/set	EUA	Pedidos de bens duráveis	Ago/24	-2,7% m/m	9,9% m/m
26/set	EUA	Venda de casas pendentes	Ago/24	-0,8% m/m	-5,5% m/m
27/set	Zona do Euro	Confiança do Consumidor	Set/24 – final	-12,9 pts	-13,5 pts
27/set	EUA	Renda e Gastos Pessoais	Ago/24	0,4% m/m 0,3% m/m	0,3% m/m 0,5% m/m
27/set	EUA	Deflator dos Gastos de Consumo Pessoal (PCE)	Ago/24	0,1% m/m 2,3% a/a	0,2% m/m 2,5% a/a
27/set	EUA	Confiança do Consumidor (Univ. Michigan)	Set/24 – final	69,3 pts	67,9 pts

Fonte: Bloomberg.

ÚLTIMOS ACONTECIMENTOS

INDICADORES ECONÔMICOS

Copom eleva Selic em 0,25 pp e sugere aperto maior do que o esperado até então

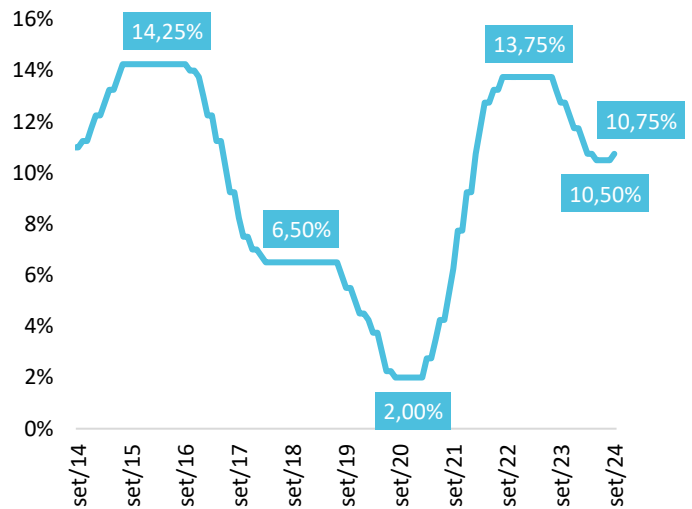
O Comitê de Política Monetária do Banco Central (Copom) elevou a taxa Selic em 0,25 pp, para 10,75% aa, em linha com o esperado. Contudo, o comunicado foi considerado relativamente duro (“hawkish”, no jargão da política monetária). Isso porque, embora o colegiado não tenha se comprometido com as próximas decisões, deu indicações que o ciclo de aperto monetário poderá ser maior do que o previsto pelo mercado, incluindo a possibilidade de aceleração do ritmo de alta da Selic nas próximas reuniões.

Na avaliação do cenário, o Copom apontou que a atividade e o mercado de trabalho tem apresentado maior dinamismo do que o esperado. Com isso, reavaliou sua estimativa para o hiato do produto para positiva (até então visto como próximo de zero), indicando que a economia está crescendo acima de seu potencial. Já em relação à inflação, afirmou que tem se situado acima da meta nas últimas divulgações.

Com isso, houve uma revisão considerável em suas projeções de inflação. Para o horizonte relevante (1T26), a projeção no cenário de referência do BC subiu de 3,4% para 3,5%. Embora a primeira vista pareça uma alta marginal, mas esconde uma sutileza importante, pois já incorpora a alta de 1,0 pp na Selic (para 11,50% aa) considerada no Focus. Além disso, o BCB indicou que seu balanço de riscos está assimétrico para cima, ou seja, considera que os riscos (expectativas desancoradas, atividade mais forte e câmbio mais depreciado) de a inflação superar a projeção são maiores do que os riscos (desaceleração e desinflação global) de ficar abaixo dela. Portanto, o BCB sugere que sua projeção para a inflação pode ser ainda maior.

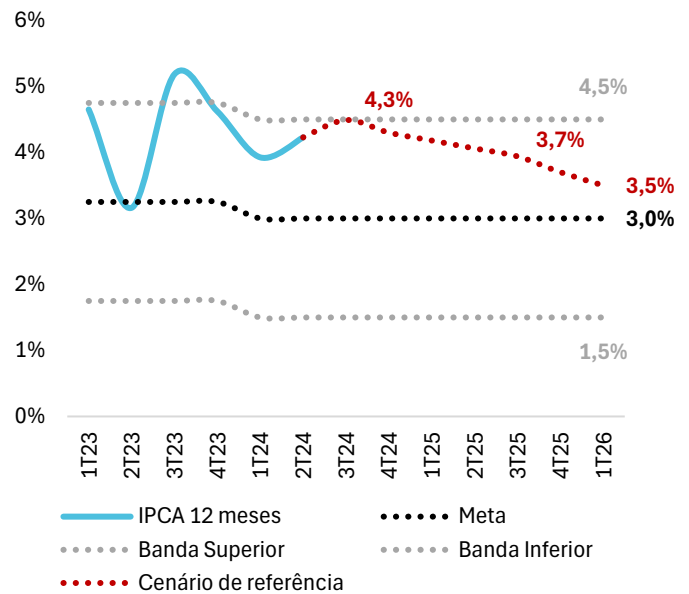
Assim, o Copom iniciou um novo ciclo de alta da taxa Selic e indicou que o ritmo de ajuste e sua magnitude total dependerão da evolução do cenário. De toda forma, o tom da mensagem e as projeções de inflação dão algumas pistas. Segundo os modelos econométricos da instituição, para reduzir a inflação em 0,5 pp no horizonte relevante (6 trimestres), seria necessário aumentar os juros em aproximadamente 2 pp (além de 1 pp já esperado pelo Focus), o que levaria a Selic para cerca de 13,50% aa. Portanto, o processo de aperto monetário deve ser mais intenso do que o esperado pelo mercado até então, o que provavelmente deve levar a uma aceleração do ritmo de alta já na próxima reunião (+0,5 pp), para evitar que se prolongue por muito tempo.

Quadro 1: Taxa Selic – em % aa



Fonte: BCB

Quadro 2: IPCA 12 meses e Projeção do BCB (Cenário de referência)



Fonte: BCB e IBGE. *Cenário de referência considera taxa Selic variando conforme expectativa coletada no boletim Focus.

Contudo, como é o padrão da autoridade monetária, normalmente adota-se uma estratégia de convergência gradual da inflação para a meta. Até porque, conforme o tempo passa, o horizonte relevante também vai se deslocando, o que, em tese, dado o nível mais elevado do juro, produz uma queda gradual das projeções de inflação. Portanto, os sinais são de que o ciclo de aperto será mais significativo do que era esperado (o que faria o BCB acelerar o passo nas próximas reuniões), mas muito possivelmente não tão intenso como o sugerido em seu comunicado.

Em relação às contas públicas, a Receita Federal informou que a arrecadação de impostos atingiu R\$ 201,6 bilhões em agosto, uma alta real de 11,9% ante o mesmo mês do ano anterior.

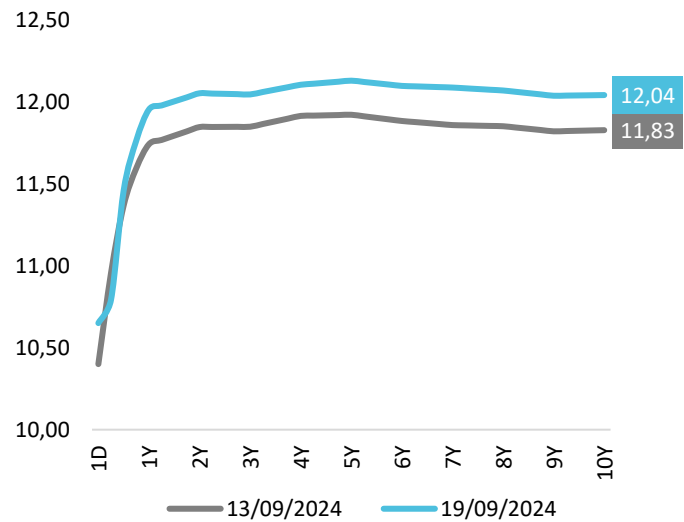
A alta da arrecadação foi beneficiada pelo recolhimentos de impostos diferidos pela crise do RS (R\$ 3,6 bi). Porém, ainda sem tal efeito, o aumento seria substancial (próximo a 10% real), devido ao avanço da atividade e das medidas implementadas pela Ministério da Fazenda para elevar as receitas. Dentre os tributos, destaque para o crescimento do PIS/Cofins (19,9%), IRRF - rendimentos do trabalho (+8,0%) e receita previdenciária (+7,0%).

Com o resultado, a arrecadação federal de impostos acumula expansão real de 9,5% no ano. Tal desempenho tem tornado mais provável o cumprimento da meta fiscal, ainda que com a necessidade de novos bloqueios de recursos (despesas discricionárias), dado o forte crescimento das despesas obrigatórias.

Quanto à atividade, o Monitor do PIB mostrou ligeira retração de 0,1% em julho. A queda, no entanto, veio após 8 meses seguidos de crescimento, incluindo a forte alta de junho (+1,6%). Apesar do recuo no mês, a leitura mostrou continuidade do crescimento do setor de serviços e dos investimentos, sinalizando resiliência da atividade neste 3º trimestre, ainda que com alguma desaceleração.

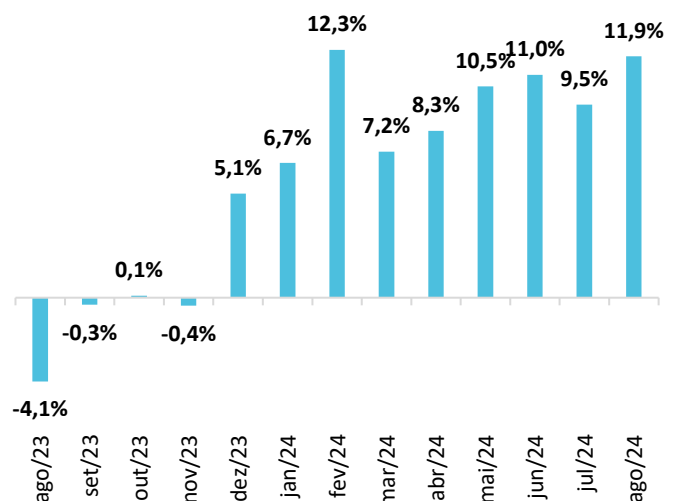
Sobre a inflação, o IGP-10 subiu 0,18% em setembro, abaixo do observado em agosto (+0,72%). A desaceleração ante o mês anterior foi puxada pelos menores preços no atacado (o IPA passou de 0,84% em agosto para 0,14% em setembro), em especial de itens industriais (de 0,79% para -0,14%), refletindo a deflação de importantes *commodities*, como o minério de ferro (-8,41%). Já a inflação dos itens agropecuários ficou praticamente estável (0,88% ante 0,95%), diante da maior pressão nos preços dos bovinos (e derivados) e alguns itens *in natura*, diante da piora das condições climáticas. No mês, vale destacar também a alta do INCC (+0,79%), em função dos dissídios concedidos para os trabalhadores da construção civil. Em 12 meses, o IGP-10 ficou praticamente estável, em 4,25% (ante 4,26%).

Quadro 3: Curva de Juros Futuros
Em % aa (antes e pós-reunião do Copom)



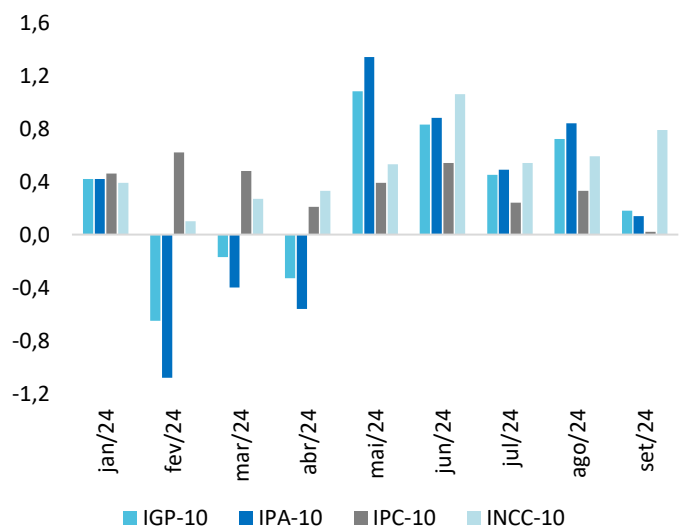
Fonte: Bloomberg

Quadro 4: Arrecadação Federal de Impostos
Var.% real ante o mesmo mês do ano anterior



Fonte: RFB

Quadro 5: IGP-10 e Aberturas – Var.% mensal



Fonte: FGV

Indicadores Econômicos – Cenário Internacional

Fed inicia ciclo de cortes dos juros com queda maior do que a esperada

A semana foi marcada pelo início do ciclo de flexibilização monetária nos EUA com um corte de 0,50 pp dos juros, surpreendendo parte do mercado que aguardava um início mais cauteloso (-0,25 pp). Tal movimento gerou algum otimismo nos mercados, impulsionando as bolsas norte-americanas e também o preço de algumas *commodities*, como o petróleo, que saiu das mínimas recentes. A decisão marcou a 1ª redução dos juros desde a pandemia (mar/20) no país e levou os juros para o intervalo entre 4,75% e 5,00% aa.

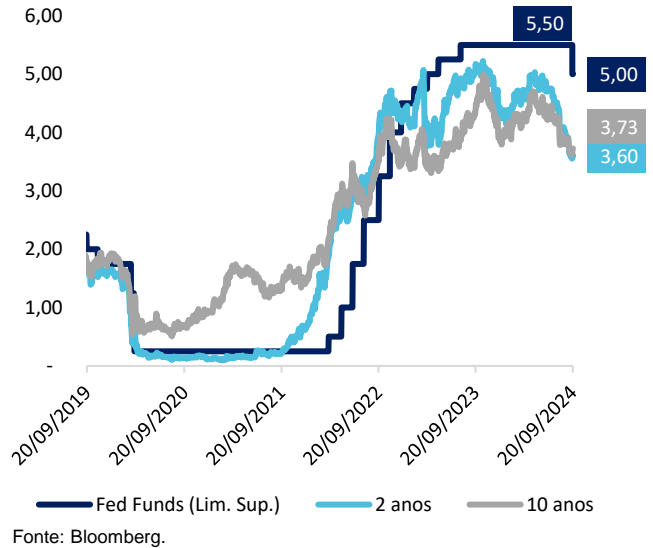
A decisão foi justificada pelo progresso recente da inflação em direção à meta de longo prazo (2,0% aa), embora o Fed tenha reconhecido que esta segue um tanto quanto elevada. O documento também apontou que a geração de empregos desacelerou e que os riscos envolvendo o emprego e a inflação estão mais equilibrados. Ainda, afirmou que está fortemente comprometido em apoiar o mercado de trabalho, além do retorno da inflação para a meta. Além disso, algo que chamou a atenção foi o fato da decisão não ter sido unânime, com um voto divergente, por um corte de 0,25 pp.

Apesar de ter iniciado o processo de corte dos juros de modo mais célere, Jerome Powell, enfatizou em entrevista pós-decisão que a magnitude do movimento não significa que se repetirá nas próximas reuniões, buscando evitar alguma euforia com um processo rápido de flexibilização, ou, por outro lado, que estaria “atrás da curva”. Powell afirmou que as próximas decisões dependerão da evolução dos dados (emprego e inflação), podendo se manter em cortes de 0,5 pp, reduzir para 0,25 pp ou mesmo haver uma pausa.

O Fed também publicou suas novas projeções. Os dirigentes da instituição reduziram a projeção para a inflação (núcleo do PCE) no final do ano para 2,6% aa (ante 2,8% em jun/24) ao mesmo tempo em que elevaram a taxa de desemprego esperada (de 4,0% para 4,4%). O intervalo projetado para os *Fed Funds* no fim do ano ficou entre 4,25% a 4,50% aa, correspondendo a reduções de 0,25 pp nos próximos encontros (novembro e dezembro). Para 2025, o Fed apontou que espera que os juros cheguem ao intervalo de 3,25% a 3,5% (1 pp de queda). Contudo, o mercado aguarda uma queda maior neste ano (-0,75 pp, para 4,0% a 4,25%) e no ano que vem, quando cairia 1,25 pp (para 2,75% a 3,0%).

A semana também trouxe alguns dados de atividade de agosto que vieram acima do esperado. As vendas no varejo contrariaram as expectativas de queda e subiram 0,1% no mês, enquanto a produção industrial subiu 0,8%.

Quadro 6: EUA – Fed Funds e Rendimentos das Treasuries (2 e 10 anos) – Em % aa

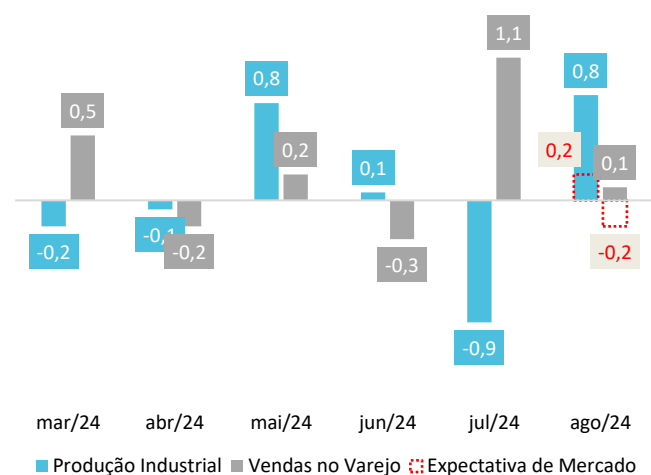


Quadro 7: EUA – Projeções Econômicas do Fed

	Projeção set/24			Diferença ante jun/24 (p.p.)		
	2024	2025	2026	2024	2025	2026
Taxa de Juros (% aa)	4,4	3,4	2,9	-0,7	-0,7	-0,2
Inflação Núcleo do PCE (Var. % a/a)	2,6	2,2	2,0	-0,2	-0,1	0,0
PIB real (Var. % a/a)	2,0	2,0	2,0	-0,1	0,0	0,0
Taxa de desemprego (%)	4,4	4,4	4,3	+0,4	+0,2	+0,2

Fonte: Summary of Economic Projections (Fomc/Fed).

Quadro 8: EUA – Produção Industrial e Vendas no varejo – Var. % m/m



Pesquisa Especial de Crédito da Febraban

CRÉDITO / BANCOS

Ritmo de expansão do crédito deve mostrar ligeira acomodação em agosto

O saldo total da carteira de crédito deve crescer 1,1% em agosto, aponta a Pesquisa Especial de Crédito da Febraban. Apesar do bom resultado, o ritmo de expansão anual da carteira deve mostrar ligeira desaceleração, passando de 10,3% para 10,1%.

No mês, o crescimento deve ser liderado pelo crédito direcionado (+1,3%), com bom desempenho tanto na carteira PF (+1,2%) quanto PJ (+1,7%). Na PF, a carteira deve ser impulsionada pelos financiamentos imobiliários, enquanto na carteira PJ pelos financiamentos do BNDES e programas públicos, ambos relacionados às medidas de auxílio ao RS.

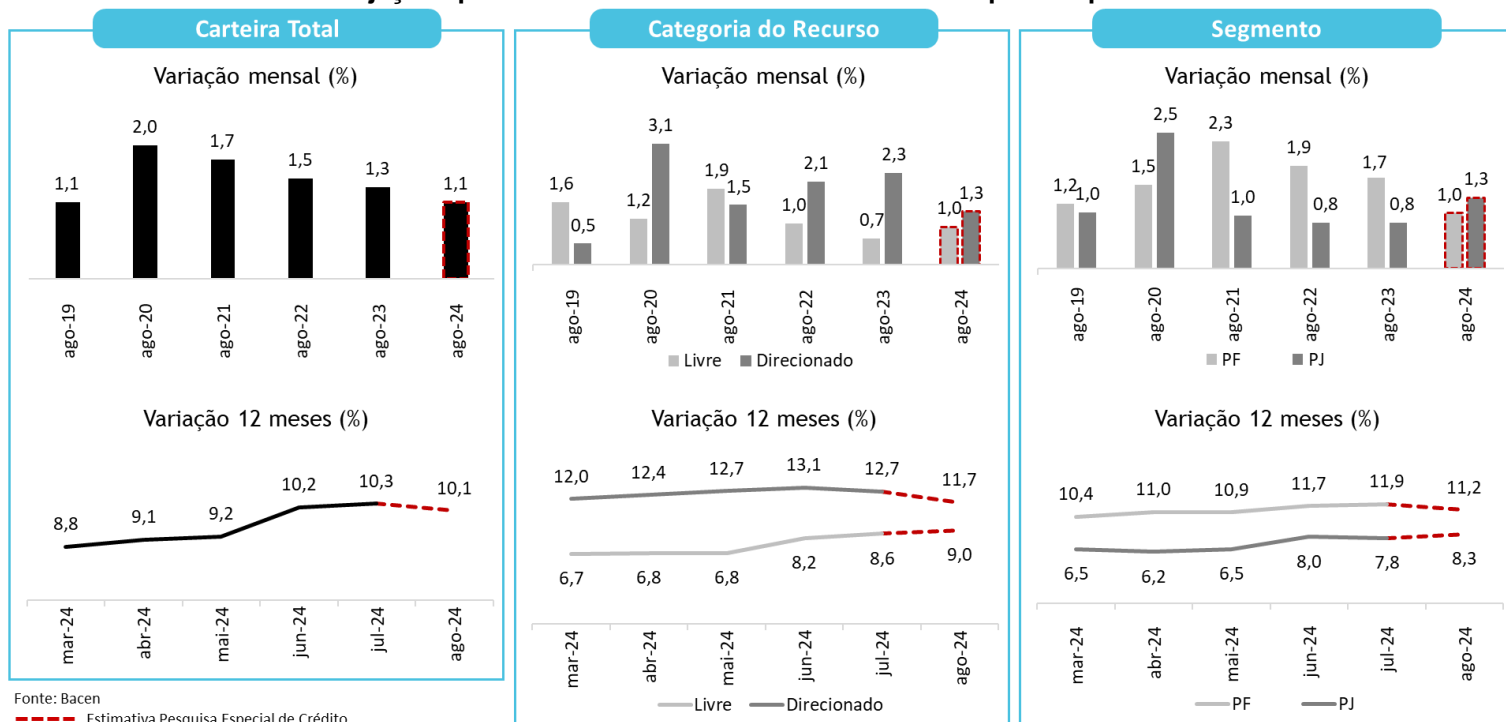
Os avanços das carteiras direcionadas também devem ser beneficiados pela liberação de recursos do Plano Safra 2024/25 (crédito rural), embora com desembolsos ainda abaixo do observado no mesmo período da temporada passada. Por sinal, este crescimento mais contido do crédito rural deve fazer com que o ritmo de expansão anual da carteira direcionada desacelere de 12,7% em julho para 11,7% em agosto, explicando a perda de fôlego da carteira total.

Já a carteira livre deve avançar 1,0% no mês, com altas de 1,1% no segmento PJ e 0,9% em PF. Na carteira PF, destaque para a continuidade do avanço das linhas de financiamentos de veículos, crédito pessoal e cartão à vista, favorecidas pelo aumento do emprego e da renda. Com isso, a carteira com recursos livres deve seguir ganhando tração, acelerando de 8,6% para 9,0%. A melhora deve ser puxada pelo crédito PJ (de 6,1% para 7,3%), que segue em trajetória de normalização.

No geral, os números de agosto indicam que o mercado de crédito segue apresentando um bom desempenho no 3º trimestre. Enquanto o crédito PJ vai gradualmente se normalizando após o estresse observado no ano passado, o crédito PF tem se beneficiado do aumento da renda, do emprego e pelas menores taxas de juros.

A expectativa é que a ligeira desaceleração no ritmo de expansão anual, capturada na pesquisa, seja pontual, devido ao baixo volume de desembolso do novo Plano Safra neste início do programa. Assim, ao que tudo indica, o crédito deve voltar a crescer em dois dígitos neste ano.

Quadro 9: Projeções para o Saldo da Carteira de Crédito – Pesquisa Especial de Crédito



Pesquisa Especial de Crédito da Febraban

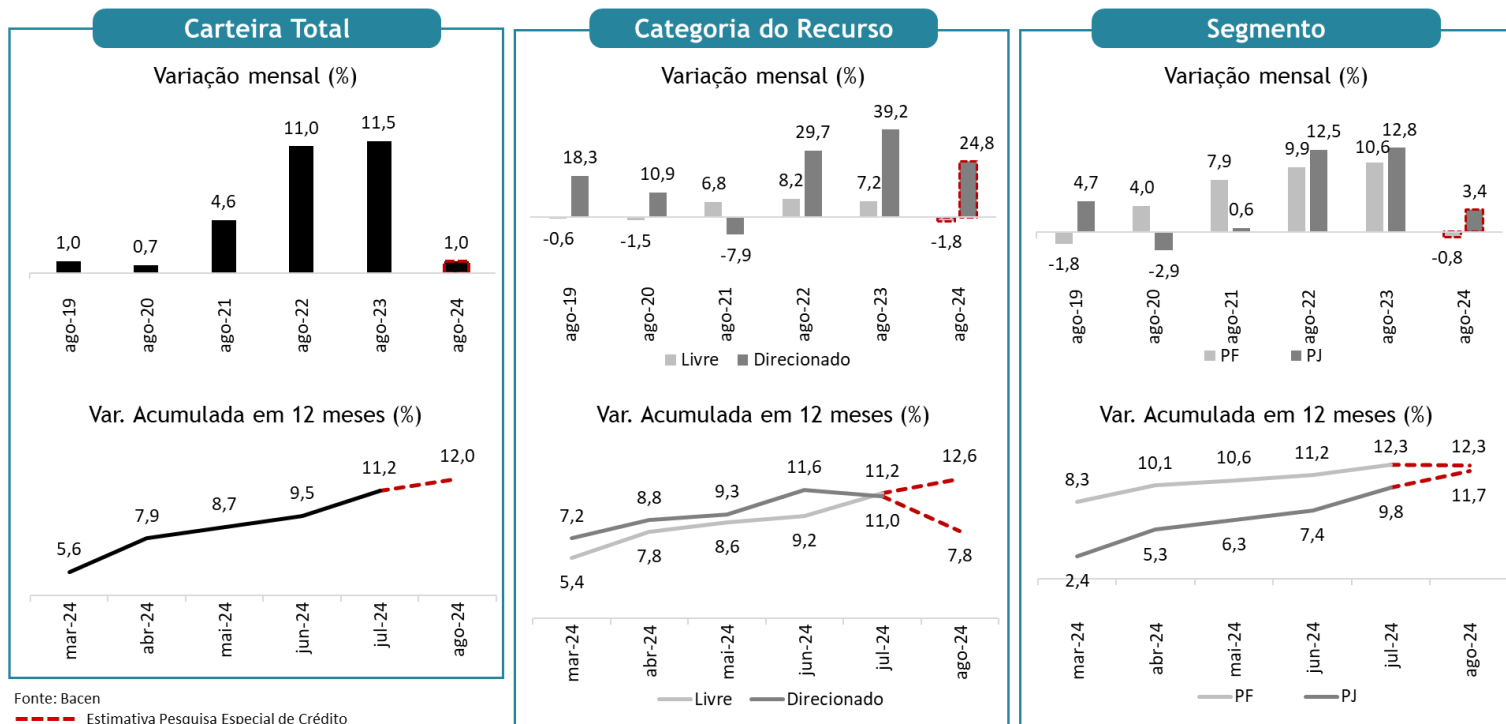
Em relação às concessões, a Pesquisa aponta crescimento de 1,0% em agosto. Ajustando pelo número de dias úteis, a alta é mais expressiva, estimada em 5,6%.

O maior volume no mês (ajustado por dias úteis) deve ser especialmente puxado pelas operações com recursos direcionados (+30,5%), impulsionadas pelos desembolsos do Plano Safra e pelas medidas de auxílio para o Rio Grande do Sul. Apesar do forte crescimento na margem, o volume de concessões com recursos direcionados deve recuar 8,0% quando comparado com agosto de 2023. O resultado reflete os menores desembolsos do Plano Safra deste ano, com alguns produtores tendo maiores dificuldades para acessar os recursos diante do endurecimento de algumas regras ambientais, segundo informações veiculadas na imprensa.

Ainda assim, as concessões devem crescer 16,5% ante ago/23 (ou 11,8% quando também ajustado pela inflação), beneficiadas pela elevação das concessões com recursos livres (+21,5%). Já na visão acumulada em 12 meses, o volume de concessões deve seguir acelerando, passando de uma alta de 11,2% em julho para 12,0% em agosto.

A divulgação da Nota de Política Monetária e Crédito pelo Banco Central está programada para o próximo dia 27 de setembro. Para ver o resultado completo da pesquisa, [clique aqui](#).

Quadro 10: Projeções para as Concessões de Crédito – Pesquisa Especial de Crédito



Fonte: Bacen
 --- Estimativa Pesquisa Especial de Crédito

Nota Metodológica: As variações são calculadas tendo como base os valores oficiais divulgados pelo Banco Central.



MERCADOS E EXPECTATIVAS

FOCUS – Indicadores Selecionados	2024				2025			
	20/09/24	13/09/24	23/08/24	Viés	20/09/24	13/09/24	23/08/24	Viés
IPCA (%)	4,37	4,35	4,25	▲	3,97	3,95	3,93	▲
PIB (% de crescimento)	3,00	2,96	2,43	▲	1,90	1,90	1,86	↔
Meta Selic - fim do ano (% a.a.)	11,50	11,25	10,50	▲	10,50	10,50	10,00	↔
Taxa de Câmbio - fim do ano (R\$/US\$)	5,40	5,40	5,32	↔	5,35	5,35	5,30	↔

Fonte: Banco Central do Brasil.

Indicadores do Mercado	20/09/24	Variação %			
		Na semana	No mês	No ano	12 meses
NACIONAL					
Taxa de câmbio (R\$/US\$)	5,51	-0,97%	-1,71%	13,45%	12,93%
CDS Brasil 5 anos (em pontos)	154,91	1,44%	3,14%	16,95%	-14,41%
Juros DI 30 dias (% a.a.)	10,66	0,25%	1,18%	-8,51%	-15,89%
Juros DI 1 ano (% a.a.)	12,05	2,82%	2,53%	20,02%	11,61%
Juros DI 5 anos (% a.a.)	12,39	4,03%	2,41%	23,01%	13,83%
Índice Ibovespa (em pontos)	131.065,44	-2,83%	-3,63%	-2,32%	10,42%
IFNC (setor financeiro)	13.567,77	-3,73%	-4,48%	-1,71%	16,37%
INTERNACIONAL					
Fed Funds (% a.a.)	5,00	-9,09%	-9,09%	-9,09%	-9,09%
T-NOTE - 2 anos (% a.a.)	3,59	0,24%	-8,31%	-15,50%	-30,19%
T-NOTE - 10 anos (% a.a.)	3,74	2,46%	-4,15%	-3,55%	-16,75%
Dollar Index	100,72	-0,39%	-0,96%	-0,60%	-4,40%
Índice S&P 500 (em pontos)	5.702,55	1,36%	0,96%	19,55%	31,70%
Índice de ações de bancos – EUA	114,89	2,91%	-0,80%	4,90%	31,91%
Índice Euro Stoxx 50	4.871,54	0,57%	-1,74%	7,74%	15,64%
Índice de ações de bancos - Zona do Euro	146,01	2,67%	1,88%	23,37%	30,18%
Barril de Petróleo - tipo Brent (US\$)	74,49	4,02%	-5,47%	-3,31%	-20,16%

Fonte: Bloomberg.

Diretoria de Economia, Regulação Prudencial e Riscos
economia@febraban.org.br

Rubens Sardenberg
 Jayme Alves
 Luiz Fernando Castelli
 Daniel Casula
 João Vítor Siqueira